

MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS: IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFISSIONAL DE LÍNGUAS¹

MEMORIES AND CAREER PATHS: IMPLICATIONS IN THE IDENTITY CONSTRUCTION OF LANGUAGE TEACHERS

Cristiane Schmidt (UNIOESTE)²

RESUMO: Os professores, enquanto profissionais, exercem um papel essencial no processo de mudança social. Para tanto, os processos de formação de professores vêm merecendo destaque no campo da pesquisa da Linguística Aplicada, com intuito de valorizar o trabalho do profissional de línguas. Nesse sentido, o presente trabalho procura investigar os saberes prévios de acadêmicos do Curso de Letras na UNIOESTE, sujeitos desse estudo, acerca da docência e da constituição identitária do professor. Ao mesmo tempo, discutem-se algumas implicações entre a trajetória escolar e a escolha profissional desses alunos, visto que se encontram na fase inicial do seu processo formativo. A metodologia adotada consiste numa abordagem qualitativa a partir de memoriais, procurando destacar as concepções e representações desses sujeitos acerca da constituição do professor. Entre algumas características que se salientam nas narrativas em relação à identidade docente, estão a complexidade da docência, o gostar da profissão, assim como as práticas pedagógicas diversificadas e ‘transgressivas’.

PALAVRAS-CHAVE: Construção da identidade do professor de línguas; Formação e prática pedagógica; Memórias e representações; Trajetória escolar.

ABSTRACT: Teachers, as professionals, carry out an essential role in the process of social change. For this purpose, the process of teachers’ formation deserves highlights in the research field of Applied Linguistics, aiming to value the language teachers’ work. In this term, the current paper seeks to investigate the previous knowledge of the students of Letters at Unioeste, subjects of this study, about teaching career and professor’s identity constitution. Simultaneously, some implications are discussed between the educational path and the professional choice of these students considering that they are in the early stage of this formative process. The adopted methodology consists of a qualitative approach from memorials, seeking to emphasize the conceptions and representations of those subjects about constitution of the teacher. Among some characteristics that detaches itself in the narratives regarding to teacher

¹ Trabalho final da disciplina ‘Linguística Aplicada à Formação de Professores de Línguas’ no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, 2013.

² Aluna do Doutorado em Letras no Programa de Pós-Graduação-UNIOESTE; Mestre em Educação pela UFRGS; Licenciada em Letras Português/Alemão pela UNISINOS; Professora de Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Língua Alemã do Curso de Letras Português-Alemão *Câmpus* de Marechal Cândido Rondon/UNIOESTE, 2014. E-mail: cris_lehrerin@hotmail.com

identity are the complexity of teaching, be fond the profession, as well as the diverse and transgressive teaching practices.

KEY WORDS: Identity construction of the language teacher; Formation and pedagogical practice; Memories and representations; School path.

Introdução

Cada sujeito vai construindo sua identidade e apoiando-se nos aspectos considerados fundamentais e definidores das suas escolhas, ao passo que tem uma forma singular de ver o mundo e de enfrentar situações inesperadas. A construção da identidade de professor tem vinculação com a forma, na qual esse profissional se percebe e se sente, como também mediante se situa em relação aos outros. Assim, nesse processo, muitas vezes, espera o reconhecimento dos demais, sejam seus pares ou alunos.

Costuma-se atribuir ênfase, nas diversas esferas da sociedade atual, às profissões que concernem visibilidade e divulgação, justificando a necessidade do reconhecimento social como condição fundamental para o êxito e a excelência profissional. E professor, quem quer ser professor? Quais são as imagens e em que medida elas contribuem ou configuram-se como aspectos limitadores para a escolha da docência? Quais as implicações das vivências, das representações e dos discursos na construção da identidade do profissional de línguas?

A partir do exposto, a escolha da presente temática procede da vivência enquanto professora e colaboradora do processo de formação de futuros professores de línguas, assim como da constante reformulação da representação da identidade profissional. Dessa forma, procura-se apresentar algumas reflexões acerca da construção identidade do profissional de línguas, considerando o percurso escolar e, por conseguinte, suas concepções mediante interações com diferentes contextos e práticas pedagógicas.

Linguagem e Identidade: revendo conceitos

A linguagem é parte constitutiva e constituinte do ser humano, sendo que decorre da necessidade de interação e da vida em sociedade do homem com o(s) outro(s); o ser humano não existe fora da linguagem, sendo que o acesso do sujeito à

realidade é mediado pela linguagem (BAGNO, 2010). Moita Lopes (2012) concebe a língua(gem) como um espaço específico de construção da vida social. Nas palavras do linguista aplicado, o ser humano é um ser do discurso que se (re)constrói pela palavra, sendo que essa a matéria essencial das aulas de línguas.

Ao entender a língua(gem) como uma prática social de construção de sentidos, no momento em que se ensina língua também se ensinam formas de entender e de construir o mundo, implicando desenvolvimentismo de atitudes respeitadas em relação aos sentidos de outras pessoas (JORDÃO, 2013).

Nisso centra-se a natureza da linguagem, como possibilidade de expressão e comunicação, assim como constituinte de significados, conhecimentos e valores. Em outras palavras: a linguagem é a principal ferramenta mediadora da constituição da identidade do sujeito, pois é nela e por ela que a relação entre o 'eu' e o(s) outro(s) se cria, assumindo uma postura ativa.

Ao abordar o conceito de linguagem, Oliveira (2006, p. 107) destaca que “o processo formativo inicial de professores de língua materna ainda é regido por uma concepção de linguagem e língua entendidas ora como mera representação do pensamento, ora como um sistema estruturado em níveis”. A autora reitera que os currículos que orientam a formação de professores de língua materna, formam “identidades profissionais ‘fundamentalistas’ e ‘elitistas’, cujas relações com o conhecimento, provavelmente, exigem fidelidade a uma concepção lógico-gramatical da língua, aliada a uma concepção elitista de cultura” (OLIVEIRA, 2006, p. 109).

Mas, o que se entende por construir a identidade? Vale ressaltar que a identidade vem sendo pauta nos debates educacionais, por se constituir numa parte integrante da formação e do exercício de professores. Ao mesmo tempo, ocupa relevância entre diversos pesquisadores no campo da Linguística Aplicada (LA) no Brasil, como em Moita Lopes (2011), Reis (2011), Bohn, (2005), Signorini, (2002) e Kleiman (1998), assim como nos Estudos Culturais (Hall, 2003 e Silva, 2004). Entretanto, tal noção implica, comumente, uma definição complexa, considerando seu caráter flexível e dinâmico.

Para Hall (2003), a identidade se forma, ao longo do tempo, mediada por processos inconscientes, sendo que permanece sempre incompleta, estando sempre em construção. A identidade não se caracteriza com algo inato e fixo, mas está sujeito a

mudanças e pode ser reposicionada. Sua definição, dessa forma, está em constante fluxo, prestando-se a reformulações e manipulações.

Pimenta e Anastasiou (2011) orientam que a identidade não pode ser adquirida, visto que está associado ao processo de construção do sujeito inserido num determinado contexto social e histórico. As autoras destacam, ainda, que a identidade profissional vem se modificando para atender as novas necessidades da sociedade. Essa consideração vale para o caráter dinâmico da identidade docente, enquanto prática social.

Identidade do professor de línguas

Como são construídas as representações acerca da imagem do professor? Trata-se de um trabalhador, de um profissional? Conforme Cardoso (2010) existem diferentes imagens que perpassam a construção da noção da identidade do professor, como a representação do professor abnegado, a serviço de uma nobre missão, com baixas ambições materiais.

Segundo Simões e Trindade, (2001) ao mesclar elementos de dedicação, abnegação, vocação e também de inércia, de impossibilidade e mesmo de ‘incompetência’, terminam por fragmentar e distorcer a identidade do profissional da educação, uma vez que cambaleiam entre a idealização da profissão docente e a ausência de projetos de educação efetivamente objetivados.

Ao mesmo tempo, o exercício da profissão requer o desenvolvimento de algumas características, a saber: a imprevisibilidade, a incerteza, o conflito, a instabilidade, disponibilidade para mudança, coragem (PIMENTA; ANASTASIOU, 2011).

No entendimento de Bohn, em seu estudo acerca da identidade do profissional de línguas, a identidade é fruto de um sistema de relações entre diferentes vozes, ou seja, trata-se de ‘uma polifonia de vozes’ que se manifesta nos diferentes espaços e tempos em que se movimenta o sujeito, em seu meio social e ao longo da sua história (BOHN, 2005). São as diversas vozes que contribuem para a constituição dos traços identitários, tais como: a voz institucional (teóricos, os professores formadores e as instituições que se expressam nos discursos pedagógicos); a voz do governo (os documentos oficiais); a voz da sociedade; as vozes dos colegas da profissão e a voz da

família; enfim, diversos olhares, crenças ou representações que os ‘outros’ possuem acerca da docência, assim como as vozes que mediante tal relação configuram-se como colaboradores desse processo (BOHN, 2005).

Conforme Pimenta e Anastasiou (2011), em relação à construção da identidade do futuro professor, é essencial considerar-se os saberes prévios, visto que são decorrentes de inúmeras e diferentes experiências sobre o que é ser professor.

Nesse sentido, conforme Reichmann a construção da identidade do professor:

implica em uma negociação identitária, envolvendo processos biográficos e relacionais – enfim, uma negociação marcada por alinhamentos e cooperação, conflitos e resistências, continuidades e rupturas; podemos apreender que nossa identidade profissional é marcada pelos diversos processos de socialização que vivenciamos, nas várias instituições a que pertencemos ao longo de nossas vidas, a saber – família, escola e trabalho (...) (REICHMANN, 2010, p. 50).

Trata-se de experiências adquiridas enquanto alunos a partir do contato com os mais variados professores que perpassaram ao longo da sua vida escolar. Estes “formaram modelos ‘positivos’ e ‘negativos’, nos quais se espelham para reproduzir ou negar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, que contribuíram para sua formação pessoal e profissional” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2011, p. 79).

Nesse sentido, muitas das experiências e vivências tidas no percurso escolar, configuram-se como norteadoras das escolhas profissionais e das práticas pedagógicas. São referências e lembranças que habitam no imaginário, mas que vão moldando o tipo de professor que se deseja ser. Ou ainda: implicam na construção positiva e/ou negativa acerca de um professor, cuja postura procura-se ‘imitar’ ou ‘repudiar’.

Considerando isso, reitera Oliveira (2006) acerca da relação dicotômica entre a teoria e a prática nos processos formativos de professores, (dessa forma, coparticipante do processo de construção identitária profissional) os quais deveriam conceber o conhecimento científico não como a única “fonte de saber necessário e constitutivo da formação do profissional docente”, mas procurar aproximar o conhecimento científico daquele do mundo da vida.

Em relação à prática pedagógica e ao ensino/aprendizagem de forma generalizada, vale destacar o papel do livro didático, que, em sua maioria, é concebido como um dos elementos mais característicos e, “por isso, já se institucionalizou, ou seja,

apresenta-se como algo natural, que ‘constitui’ o processo de educação” (PESSOA, 2009, p. 53).

Acerca do uso do livro didático no ensino de língua estrangeira, a autora afirma que “é uma das práticas que merecem ser analisadas, pois pode não só limitar as possibilidades de ação do professor, como também comprometer as próprias perspectivas de análise e compreensão do ensino, de suas finalidades educativas e de sua função social” (PESSOA, 2009, p. 54).

Nesse sentido, essas obras didáticas retratam a cultura do outro, que por sua vez, é diferente, estranha e se encontra distante geograficamente. Ao mesmo tempo, tais materiais são facilitadores do processo de ensino/aprendizagem e, na medida em que abordam aspectos linguísticos e culturais, vão produzindo discursos. Assim, requer uma participação mais consciente da parte do professor, no sentido de não adotar o livro didático como um currículo ou como o único instrumento, mas que saiba fazer as devidas transposições e transformações necessárias (TILIO, 2012).

Memórias acerca de ‘ser’ professor/a: aspectos metodológicos e reflexivos

Enquanto profissional que atua na formação de professores e no ensino de uma língua materna e estrangeira, como também para o meio social dos sujeitos envolvidos, esta investigação está orientada na abordagem da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, pauta-se na perspectiva da ‘Pesquisa Narrativa’, que busca apreender como os informantes se sentem, interpretam e dão sentido às situações vividas, às escolhas feitas. Como também procura entender a dinâmica interna do processo, que é perceptível apenas ao investigador que participa de forma direta, mais próxima.

Nesta modalidade de pesquisa as histórias pessoais e profissionais dos professores (e outros envolvidos no processo educacional) funcionam como contextos de produção de significados para os acontecimentos ocorridos na escola e na vida. As histórias narradas pelos professores e/ou alunos e funcionários da escola são, ao mesmo tempo, método e objeto de pesquisa. A Pesquisa Narrativa rejeita o papel passivo do participante enquanto mero objeto de pesquisa a ser observado e estudado (TELLES, 2002, p. 97).

Trazendo o exposto para a situação a ser analisada, vale salientar que se usou o registro de memórias descritivas de acadêmicos inscritos na primeira etapa do seu percurso formativo. Para tanto, são dez participantes que, na condição de estudantes

curso de Letras da UNIOESTE/2013, verbalizaram suas representações e concepções acerca do professor e das práticas pedagógicas, a partir das suas trajetórias escolares.

Elegeu-se o memorial como um instrumento investigativo, visto ser um desencadear da reflexão sobre as práticas docentes, além de inferir desdobramentos e posicionamentos subjetivos. Tal gênero traz a marca da autoria, pois que não há ninguém mais adequado para ser autor de lembranças do que aquele que escreve. Em outras palavras: essa modalidade enunciativa possibilita observar a relação do escrevente com sua própria história como aluno e estudante.

Acerca das questões norteadoras “*O que é ser um bom professor e como é sua prática?; De qual professor você se lembra e por quê?*”, os elementos emergentes nos memoriais dos estudantes assinalam para a relação do ofício do professor com o gostar, e da carreira com uma missão. Conforme os relatos dos estudantes “Ser professor é ato de amor” e “um bom professor é uma pessoa que gosta daquilo que faz”, “ser professor não é apenas uma profissão, mas sim um desafio, uma missão”.

Ao mesmo tempo, os registros destacam que ser professor constitui-se numa tarefa difícil, que exige dedicação: “Ser professor não é apenas exercer uma profissão, é educar, ensinar, transmitir conhecimentos. É uma missão, exige dedicação, empenho, perseverança e, muitas vezes, renúncia de seu tempo e suas vontades”. Para outro estudante “ser professor não é uma tarefa fácil, para exercer essa profissão é necessário muita dedicação do profissional”.

Pode-se inferir que, nesses relatos, o conceito de identidade profissional ainda hoje implica na presença da imagem como sacerdócio. A ‘metáfora do sacerdócio’ contrapõe-se ao profissionalismo, pois essas “representações identitárias encontram-se ligadas a contextos sócio-históricos específicos, representações essas que se entrecruzam, se contradizem, em um processo incessante de reelaboração” (CARDOSO, 2010, p.36). A dicotomia em relação ao processo de construção da identidade expressa na imagem trabalhador/profissional *versus* sacerdócio/missão reitera, dessa forma, o caráter efetivo dos discursos midiáticos, assim como a articulação íntima entre as aspirações da sociedade e a educação que nela se faz.

Pimenta reforça que “a identidade (...) é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão do professor (...) emerge em dado momento histórico, como resposta as necessidades apresentadas pelas sociedades” (PIMENTA, ANASTASIOU, 2011, p.76).

Em relação aos professores que constam nas lembranças dos acadêmicos, em sua maioria, os relatos atestam que eram pessoas atenciosas, que incentivavam os alunos e, sobretudo, depositavam confiança nos mesmos. Conforme as narrativas “a professora que acho que jamais vou esquecer a professora Ana, foi ela quem me alfabetizou” e “uma professora de que me lembro muito foi a professora da 1ª série, minha professora alfabetizadora que com o seu jeito mais carinhoso e engraçado de ser, me ensinou muito” e ainda “a primeira professora que me lembro foi a da primeira série, foi ela que me ensinou a ler”.

Da mesma forma, o seguinte registro reforça isso: “Não é fácil esquecer-se dos professores, pois eles marcaram nossa vida, lembro-me da maioria dos meus professores, porém dos que mais me recordo são os do início da minha vida estudantil”. Ou seja: conforme as narrativas dos estudantes, consta a relação na trajetória escolar com a inserção no ‘mundo das letras’, mediante a aprendizagem da leitura.

Os memoriais evidenciam que, em sua maioria, tais vivências apresentam conotação positiva, tratando-se de recordações felizes, satisfatórias e prazerosas. Tentando estudar o processo de construção identitária do professor, os registros sugerem que tais ‘modelos positivos’, permeados pela conduta humanizadora e postura ética, assim como a busca e a descoberta do conhecimento, tenham influenciado nas escolhas dos estudantes pela formação e o exercício da docência. Isso se verifica na passagem inscrita no memorial descritivo: “Enfim, um bom professor marcará positivamente a vida do seu aluno, mesmo que muitos anos se passem”.

Em relação às proposições “*De quais práticas pedagógicas você se recorda? E qual seu sentimento em relação às mesmas?*”, os memoriais descritivos reavivam situações e experiências, nas quais o lúdico, o dinamismo, as atividades de pesquisa e as relacionadas com situações do cotidiano, ao lado da contação de histórias, ocupavam papel central nos encaminhamentos metodológicos.

Isso se verifica nas comunicações que seguem: “Lembro-me dessa prática como algo muito positivo, pois havia um interesse muito grande por parte dos alunos. (...) Para estimular o aluno é preciso apresentar novidades, opções variadas”. “A prática pedagógica de que mais me recordo é uma experiência que uma professora realizou com minha turma ainda nas séries iniciais, quando ela abriu uma minhoca para nos mostrar que ela era um animal invertebrado. (...) São professores assim que fazem a diferença na vida dos alunos”.

Igualmente os trechos retratam o exposto: “As práticas pedagógicas são muitas, as que não esqueço são aquelas em que os professores usavam coisas do cotidiano para a explicação do conteúdo, o ensino ficava mais gostoso e o aprendizado mais fácil”. “Lembro-me bem de duas práticas, uma de matemática, na qual a professora levou vários jogos; e outra de português, quando a professora trouxe diferentes formas de apresentação dos trabalhos, como panfletos, teatros, paródias e slides que transformaram a aula muito interessante”.

De acordo com os relatos, as práticas diversificadas, prazerosas e desafiadoras traduzem situações significativas e positivas, nas quais prevalecem a vivacidade, a abertura e a interação. Pode-se inferir que as experiências pedagógicas marcantes são as que transcendem a ‘rotina’ e, por sua vez, geram rupturas, desorganizações e desequilíbrios.

Em outras palavras: são as aulas e propostas de atividades que, muitas vezes, são tidas como ‘transgressivas’, pois que sugerem uma concepção diferente de ensino e um tratamento diferenciado para com a linguagem. Novamente, percebe-se a relação dos acadêmicos com atividades de leitura, produção de texto; enfim, com as práticas de letramento³. Qualificam-se, dessa forma, como práticas enriquecedoras, transformadoras e criativas, pois que possibilitam uma mediação com o outro, seja o aluno, seja seu par, seja a educação.

Considerações finais

A docência caracteriza-se como uma tarefa complexa e requer envolvimento e profissionalismo, sendo que nasce de um compromisso de vida, que em algum momento quem é professor assumiu para consigo mesmo. Ser professor implica um constante diálogo entre a teoria e a prática e na consciência do inacabamento desse processo, pois que o aprendizado é contínuo e permanente.

Ao mesmo tempo, o professor que não está aberto para valorização da sua própria experiência de *ser professor* ou da *constituição dessa identidade*, negando a si

³ Conforme o pesquisador britânico Brian Street (1984, 2003) realizando seus estudos na interface das áreas da Linguística, da Educação e da Antropologia, o ‘letramento’ designa práticas sociais e concepções de leitura e escrita adquiridas por um indivíduo ou grupo social. No modelo ideológico, o letramento não se restringe a uma habilidade técnica e neutra, porém reconhece a variedade de práticas associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos.

mesmo, visto não corresponder aos seus ideais de como deve ser um professor, será impotente para recriar-se. Necessita-se, dessa forma, de profissionais voltados para a perspectiva da vivência de práticas mais ricas, abertas e significativas e, sobretudo, que priorizem interlocuções pedagógicas inovadoras, autênticas e criativas.

Especificamente aquelas que reavivam situações e experiências marcadas pelo dinamismo, pela diversidade e que sejam desafiadoras; assim como nas quais prevalecem a abertura e a interação no processo de ensino e aprendizagem. Pode-se inferir que as experiências pedagógicas marcantes são as que sugerem uma concepção diferente de ensino e um tratamento diferenciado para com a linguagem.

Entretanto, em que medida os saberes e fazeres somados com os anos vividos na trajetória escolar envolvem a reprodução e reelaboração das representações tecidas nessa etapa? Até que ponto constitui-se com suportes moldadores dos futuros professores de línguas?

Aí reside a importância de investigações com foco na relação entre memórias e construção identitária do profissional de línguas, pois o processo de ensino/aprendizagem de línguas é complexo, assim, entender como os futuros professores veem seus ‘mestres’, como os percebem e como vão constituindo suas identidades na interação com o(s) outro(s), instiga a construção de futuros trabalhos. Nesse sentido, evidencia-se uma ligação intrínseca entre a escolha profissional dos acadêmicos de Letras com seus ‘antigos’ professores, tida como modelar, bem como das interações produzidas nas salas de aula de línguas.

Finalmente, reforça-se o papel do professor de línguas perante o tratamento para com a diversidade linguística e cultural, no sentido de que procure promover reflexividade e sensibilização acerca das diferenças, uma vez que a diferença pode ser entendida como um fator de enriquecimento, e não, de empobrecimento.

Referências

BAGNO, Marcos. Sobre peixes e linguagem. In: ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

BOHN, Hilário A. A formação do professor de línguas: a construção de uma identidade profissional. In: **Investigações: Linguística Aplicada e Teoria Literária**. Recife: UPE, v. 17, n.2, p.97-113, 2005.

CARDOSO, Maurício Estevam. Identidade(s) e identidade(s) docente(s). **Jornal de Políticas Educacionais**. n. 8, jul./dez. 2010, p. 35–51. Disponível em http://www.jppe.ufpr.br/n8_4.pdf. Acesso em: 18 de nov. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Relação entre professores de línguas e sociedade. IN: SILVA, Kleber A.; ARAGÃO, Rodrigo (Orgs.). **Conversas com formadores de professores de línguas: avanços e desafios**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

MOITA LOPES, Luis P. Linguagem e escola na construção de quem somos In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professore/as**. Campinas: Pontes Editores, 2012, p.9-12.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes De. Revisitando a formação de professores de língua materna: teoria, prática e construção de identidades. **Linguagem em (Dis)curso**. v.6, n.1, p.101-117, 2006.

PESSOA, Rosane Rocha. O livro didático na perspectiva da formação de professores. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, n. 48, p. 53-69, Jan./Jun. 2009.

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIOU, Léa das Graças C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2011.

REICHMANN, Carla L. Reflexões sobre língua, vida e trabalho em autobiografias docentes. In: ROMERO, Tânia R. de Souza (org.). **Autobiografias na (Re)constituição de Identidades de Professores de Línguas: o olhar crítico reflexivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SIMÕES, Regina H. Silva; TRINDADE, Janete Carvalho. Construção da identidade do professor no Brasil: um olhar histórico. In: Janete M., Vitor; Fazenda, Ivani; Linhares Célia (orgs.) **Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

TELLES, João A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**. vol. 5, nº 2, 2002, p.91-116.

TILIO, Rogério. A construção social de gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: que vozes circulam? In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professore/as**. Campinas: Pontes Editores, 2012, p. 121-144.